

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, HISTORIADOR E PIONEIRO DOS ESTUDOS POPULACIONAIS*

Eni de Mesquita SAMARA

A obra produzida por Sérgio Buarque de Holanda é, sem dúvida, instigante e oferece um leque variado de opções aos pesquisadores e por isso ocupa um lugar de destaque na historiografia brasileira. E é justamente essa riqueza de conteúdo e de reflexões que permitem sempre novos olhares que apontam para nuances ainda pouco exploradas nas análises anteriores, como é o caso da sua contribuição para o desenvolvimento dos estudos populacionais no Brasil.

Assim, uma releitura do seu artigo **Momentos da população em São Paulo no século XVII**, publicado em 1966, no primeiro número da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, faz-se necessária especialmente no que tange ao núcleo de infonções demográficas ali contidas. Soma-se a isso os vários caminhos de pesquisa que o autor aponta, o que evidencia a sua contribuição original e inovadora, senão pioneira nessa área do conhecimento.

O objetivo é justamente o de entender a dinâmica da formação e expansão territorial que deu origem ao atual Estado de São Paulo, enfatizando especialmente os séculos XVII e XVIII, momento em que as

(*) Trabalho apresentado no "Colóquio Sérgio Buarque de Holanda", realizado em 19 de agosto de 1997 pelo CEDHAL (Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina).

estatísticas são bastante escassas e incompletas tendo que ser coletadas em fontes documentais diversas. E é impressionante o esforço do historiador em reunir essas informações interpretando-as de forma crítica.

Um primeiro ponto que chama a atenção no artigo é a questão da rápida expansão territorial na área paulista que, segundo o autor, apresenta características singulares, se comparada aos moldes da América portuguesa [p. 55]. E entre as razões apontadas para isso está a escassez do espaço disponível para os novos proprietários e o regime de trabalho rural que visava lucros imediatos sem a preocupação de reaproveitamento das terras, o que explica num primeiro momento, o movimento da população.

Intrigante é também observar as decorrências desse processo no cotidiano das populações e nas possibilidades de controle por parte do Estado português sobre esses habitantes. Sem dúvida, dispersão e flutuação demográfica se constituíam em entrave para o exercício do poder sobre os grupos dominados e também na sua contabilização por parte das autoridades constituídas. [pp.62-67] Tal fato reflete, portanto, em uma maior dificuldade para realizarmos estudos demográficos no período.

Um outro aspecto importante nesse artigo e extremamente inovador é quando o autor alerta os pesquisadores para o problema dos párias nessa sociedade que são indivíduos despossuídos cujo registro não se dá, muitas vezes, nem no momento da morte. E quanto a isso, observa que formavam um contingente populacional considerável servindo de mão-de-obra para trabalhos penosos em que muitas vezes nem se utilizavam escravos. [pp. 79-82]

E é com base nessas “hipóteses” que Sérgio Buarque de Holanda analisa os dados populacionais de Nuto Sant’Ana tentando entender os fluxos e refluxos da população ao longo de um século de existência da vila de São Paulo, como se percebe no quadro a seguir:

Quadro 1

Realidade demográfica de São Paulo, segundo Nuto Sant'Ana

1601-1605-374	1651-1655 - 534
1606-1610-534	1656-1660 - 438
1611-1615-483	1661-1665 - 471
1616-1620-530	3666-1670 - 370
1621-1625-600	1671-1675 - 441
1626-1630-541	1676-1680 - 471
1631-1635-625	1681-1685 - 758
1636-1640-772	1686-1690 - 513
1641-1645-806	1691-1695 - 332
1646-1650-503	1696-1700 - 290

Fonte: HOLANDA, Sérgio Buarque de - **Movimentos da população em São Paulo no século XVIII**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB, 1966, nº 1, p. 65.

Assim, como contextualizar tantas alternâncias ao longo do tempo?

Explicando que Nuto Sant'Ana chegou a essa elaboração com o auxílio de várias e abundantes fontes históricas, capazes de dar conta com certa aproximação da realidade demográfica da área, não deixa, entretanto, de fazer uma análise crítica dos resultados apresentados.

Para ele “De tais cifras, não se pode, evidentemente, esperar que supram, de modo cabal, a completa ausência de censos demográficos para os períodos que visam cobrir. É de presumir que elas não só excluirão em certos casos parcela mais ou menos ponderável de moradores ou vizinhos de São Paulo, como eventualmente hão de computar indivíduos que a rigor pertenceriam a outras vilas, por se acharem de ordinário nelas domiciliados com suas roças e bens móveis, já que uma discriminação

precisa se faz quase impossível neste particular. O mais que delas resulta é uma noção mais clara das flutuações demográficas que então se registram entre povos de tão intensa mobilidade, além de um instrumento precioso para se medirem aspectos dos mais significativos na vida da comunidade.” [pp.65-66]

É a partir desses dados e da questão da mobilidade que Sérgio Buarque de Holanda aponta um outro caminho importantíssimo de pesquisa, bastante presente nos estudos de família e de gênero nos anos 70 e 80 deste século - que é a razão de sexo e a forte presença feminina na vila de São Paulo. Sendo assim, o que veio surpreender os pesquisadores nessa fase e é apontado como novidade já aparece nesse artigo, o que, sem dúvida, realça o seu caráter pioneiro nos estudos demográficos. Diz o autor que “Durante grande parte da era seiscentista, o dizer que S. Paulo se encontra praticamente destituída de sua população masculina, e que nela apenas sobram mulheres, velhos e crianças, torna-se quase refrão nos textos municipais. Desde 1596, aliás, dizia-se em mais de uma ata da Câmara que todos os homens válidos eram idos com o capitão Jerônimo Leitão à guerra do gentio, não restando senão mulheres. E em 1628, segundo resulta de conhecida relação jesuítica, só se tinham deixado ficar na vila vinte e cinco indivíduos capazes de tomar armas, além dos velhos, que pela sua muita idade já não podiam caminhar nem pelejar.” [p. 67]

Assim, quais seriam para São Paulo os reflexos desse processo?

As análises dos censos demográficos posteriores vistos pelos historiadores, especialmente aqueles do final do período colonial (entre 1765 e 1848), mostram as inúmeras conseqüências da migração masculina para outras áreas que não são apontadas pelo autor. Os resultados são sentidos na formação de famílias, nas chefias de domicílio e na própria estrutura ocupacional que era típica dos centros urbanos pobres de recursos que pouco ou nada interessavam à população masculina que saía em busca de novas terras, oportunidades, aventura e enriquecimento. Isso, sem dúvida, deu mais poder e novas oportunidades às mulheres que penetraram em espaços antes reservados aos homens, mas também dificultou os casamentos aumentando o número de celibatários e de

famílias constituídas ilegitimamente. Em 1836, por exemplo, em São Paulo, cerca de 30% dos fogos eram chefiados por mulheres.¹

Na verdade, Sérgio Buarque de Holanda estava mais preocupado no artigo com o desdobramento de outras questões, ou seja, entender os porquês da flutuação dos dados demográficos nos setecentos conforme pudemos observar na tabela que mostramos anteriormente.

As razões estariam vinculadas à própria qualidade de vida no planalto em razão das pestes (bexigas, varíola, etc.), doenças trazidas pelos africanos escravizados e períodos de fome. [pp. 69-79] Chama a atenção também para as causas climáticas e seus efeitos sobre as lavouras. [p. 78] E tudo isso, sem dúvida, alterava o equilíbrio vital provocando baixas na população. Essas razões, somadas ao problema da falta de registros (dos párias principalmente) resultaram em um quadro populacional baseado em estimativas para a população da época.

Com essas ponderações, o autor com certeza, é um dos primeiros a alertar para esse ponto e também pioneiro ao indicar a importância de fontes documentais como os Maços de População e os registros paroquiais que constituem, ainda hoje, as principais ferramentas de trabalho dos demógrafos-historiadores.

Outro aspecto a salientar no trabalho é o problema da qualificação dos habitantes. Veja-se, por exemplo, o quadro a seguir, [p. 86] onde os dados agregados nos dão outra dimensão da população na Capitania.

Com base nesses registros, analisa o contingente populacional contabilizado na Capitania, estabelecendo comparações entre brancos, índios e negros nas diversas localidades, o que, sem sombra de dúvida, é de grande importância para os estudos populacionais, especialmente por abordar um período (século XVIII) onde essa população é praticamente incontável, por tratar-se do momento anterior aos primeiros recenseamentos.

⁽¹⁾ Ver SAMARA, Eni de Mscsqita - As mulheres, o poder e a família. São Paulo: Marco Zero. 1989.

Quadro 2
Composição da população paulista

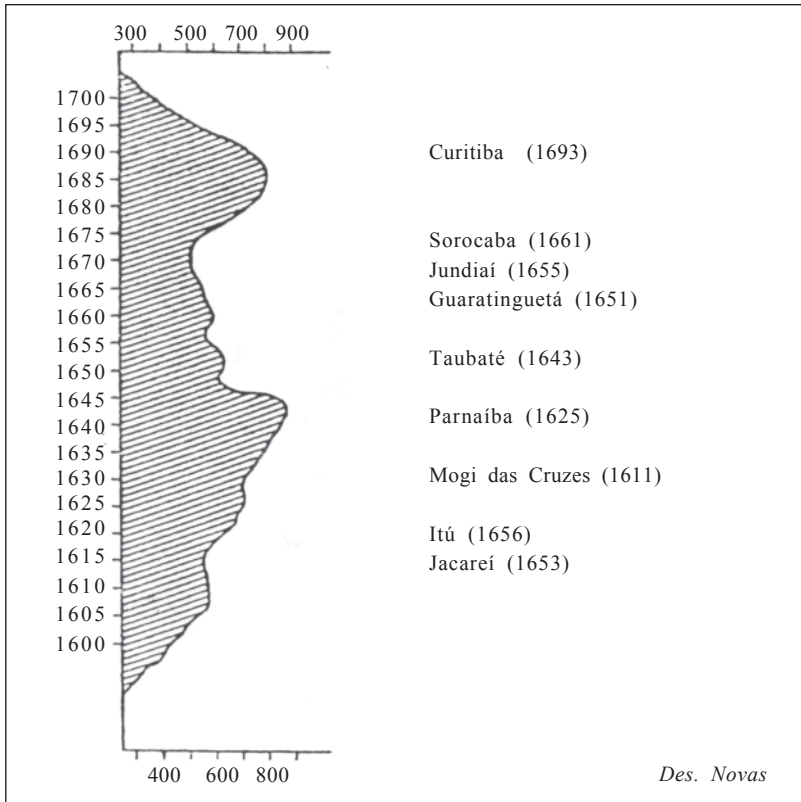
Vilas	Vizinhos	Homens de Armas	Índios
São Paulo	80	3.000	15.000
Parnaíba	180	500	3.000
Itu	70 ou 80	200 ou mais	500
Sorocaba	40	100	500
Jundiaí	50	100	250
Moji	50	100	200
Santos	250	400	500
São Sebastião	40	100	100
São Vicente	50	100	100

Fonte: HOLANDA, Sérgio Buarque de - **Movimentos da população em São Paulo no século XVIII**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB, 1966, n° 1, p. 86.

Um outro ponto chama a atenção nessa releitura do texto e é bastante interessante e inovador, pois remete às redes de dependência e de solidariedade que ajudavam a manter o que ele denomina de equilíbrio vital. [p. 89]

O fechamento do artigo é dedicado ao nascimento dos povoados e, conseqüentemente, ao movimento da população. Essa dinâmica é estudada de forma primorosa pelo autor com dados específicos sobre cada localidade acopladas às análises conjunturais. Com isso, apresenta e constrói um diagrama [p. 103] onde mostra claramente a relação existente entre os dados populacionais antes apresentados e relativos ao decréscimo do número de habitantes da vila de São Paulo com o aparecimento de novas comunidades sertanejas. Como resultado, deu-se o processo de interiorização com as migrações em massa, não apenas da população masculina, mas, também, de famílias que além de buscar novas terras e oportunidades, fugiam da sonegação de impostos ou mesmo de compromissos “morais”. [pp. 101-102].

Gráfico 1
Expansões e depressões demográficas em São Paulo



Fonte: HOLANDA, Sérgio Buarque de - **Movimentos da população em São Paulo no século XVIII**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* São Paulo: IEB, 1966, n° 1, p. 103.

Como se pode perceber, trata-se de um artigo de fundamental importância para a História de São Paulo e em especial para os estudiosos da população no passado. Rico em fontes documentais e indicações preciosas sobre os dados demográficos dos séculos XVII e XVIII, aponta ainda, vários caminhos para entendermos a vida em áreas de fronteira, assunto que tem sido objeto de inúmeras pesquisas recentes.